

# INSERÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO BRASILEIRO: UMA SÍNTESE CRÍTICA

## INCLUSION OF ENGLISH LANGUAGE IN BRAZILIAN EDUCATION: A CRITICAL SUMMARY

SOBRAL, Monique Machado Rodrigues<sup>1</sup>; NUNES, Jonkélion Dourado<sup>2</sup>; MONTEIRO-JUNIOR, Renato Sobral<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro/RJ.

<sup>2</sup>Especialista em Língua Inglesa. Professor das Faculdades Santo Agostinho. Montes Claros/ MG.

<sup>3</sup> Mestre em Ciências do Exercício e do Esporte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor e Pesquisador da Unimontes. Montes Claros/ MG.

### RESUMO

O presente estudo analisou criticamente a literatura sobre o ensino da língua inglesa no Brasil. Historicamente o idioma inglês ascendeu através das colonizações do Império Britânico, o que propiciou à Inglaterra tornar-se uma potência mundial e disseminar seu idioma. Atualmente é possível observar que as grandes potências mundiais dominam ou lidam cotidianamente com a língua inglesa. Nas melhores universidades do mundo o idioma inglês é levado a sério, sendo obrigatório. Com exceção do Brasil, os países em desenvolvimento do BRICS têm elaborado políticas públicas de inserção do inglês em todos os níveis de educação. Portanto, estratégias de inclusão da língua inglesa na educação brasileira precisam ser pensadas e isso permanece um desafio.

**Palavras-chave:** Economia. Educação. Ensino.

### ABSTRACT

This present study has analyzed critically the literature about the English teaching in Brazil. Historically the English language reached the world going through the British Empire colonies, this strategy allowed England become itself a Great World Power and so spread your language and influence. Nowadays it is possible to observe which those great powerful countries dominate or has been in touch daily with the English language. On the best universities around the world the English language is taken seriously, being considered mandatory. With the exception of Brazil, all the others developing countries of BRICS have prepared an insertion to the English language being a discipline in fact in the public policies in every Education levels. Therefore, effective strategies to include in Brazilian teaching processes a real and satisfactory improvements of English skills acquisition to be accepted on International patterns need to be reconsidered and it remains being a challenge.

**Key-words:** Economy. Education. Teaching.

### INTRODUÇÃO

O conhecimento científico é fundamental na formação de qualquer profissional, pois fornece subsídio não somente para a tomada de decisão baseada em evidências, mas também

para a compreensão do papel do ser humano na sociedade (FERRETTI, 1997; DA SILVA E DA CUNHA, 2002). Entretanto, grande parte das diversas informações importantes para a formação profissional não são compreendidas pelos discentes, especialmente pelo fato de que

a literatura científica universal é amplamente divulgada na língua inglesa, independente da área do conhecimento (ex. saúde, educação, engenharia, negócios, etc.) (PUBMED, 2016d; c; a; b). Cabe destacar que os países economicamente desenvolvidos mostram uma relação direta do desenvolvimento científico e econômico e, coincidentemente (ou não) esses países dominam, ou pelo menos lidam cotidianamente com a língua inglesa (SCIMAGO., 2007; G1.COM, 2015.).

Há um jargão de um autor desconhecido que diz “uma língua se torna poderosa quando sua nação se torna poderosa”. Apesar das várias civilizações, surgimento e declínio de vários impérios que vivenciamos em nossa história universal, uma dessas civilizações em particular destaca-se pela aguda capacidade de negociar contratos, proteger colônias e fazer alianças com outros povos, que de uma maneira singular sempre teceu estratégias para obter vantagens e privilégios econômicos, que em longo prazo fizeram uma diferença enorme, a saber, os “bretões”.

Demonstrando uma excepcional capacidade de se adaptar e liderar, esse povo mais tarde veio a ser conhecido como “os ingleses” e no alvorecer desse promissor novo império que, apesar do fato de terem se lançado tardiamente nas expansões territoriais europeias e no movimento histórico das Grandes Navegações, ascenderia após uma batalha naval em 1588 frente à armada espanhola como uma das mais brilhantes escaladas armamentistas e políticas de uma nação, escalada esta que perduraria até os nossos dias.

A partir de então, e nos próximos 500 anos, a Língua Inglesa teve um alcance e abrangência nunca vistos antes na história dos povos, nem mesmo o Latim do Império Romano obteve tamanha supremacia e domínio deste idioma nas artes, tecnologia e na literatura. No mundo acadêmico temos registros do início das atividades das Universidades inglesas de Oxford e Cambridge datando dos anos de 1096, universidades estas que influenciaram pensadores de várias gerações, inclusive John Harvard, um emigrante inglês que seria uma figura intelectual de referência na então Nova Inglaterra e, posteriormente, América do Norte (GEARY; 1997).

O escritor e jornalista James Geary (1997) em seu festejado artigo datado de 07 de julho de 1997, na página 07, tentou explicar as vantagens linguísticas deste idioma:

Another key factor is flexibility. According to Crystal, English is a kind of vacuum cleaner of language – it sucks in vocabulary from any language it can get.” Crystal estimates that there are now words from more than 150 other languages incorporated into standard English. Spelling and pronunciation are so capricious—and so frustrating for non-native speakers – precisely because the language has been quick to take on these foreign influences.

No escopo desse artigo ele cita que até 2020 um quinto da população mundial falará inglês como segunda língua, sendo que destes falantes, apenas 400 milhões são nativos de países que têm o inglês como primeira língua oficial. Dessa forma, todos os outros países estarão buscando a aquisição desse idioma devido ao seu prestígio e diversidade de vantagens na sua utilização, que nos dias atuais o confere um *status* de Língua Universal.

Nesse contexto, temos como exemplo de sucesso os Estados Unidos da América - ex-colônia britânica - e que a partir do período pós-guerra de 1950 até hoje, com sua moeda muito fortalecida se estabeleceu como potência militar, intelectual e financeira de uma maneira sem precedentes na história da humanidade. Em nossos dias, sabemos que 75% das informações que trafegam na internet são em inglês os outros 25% são todos os outros idiomas do planeta. Assim, definitivamente a metrópole “Inglaterra” e todas as suas ex-colônias, especialmente a América do Norte, contribuíram de maneira poderosa para o domínio mundial e inigualável da sua moeda financeira corrente, bem como seu idioma anglo-fônico, uma supremacia universal incontestável (GEARY, 1997).

O presente estudo tem o objetivo de analisar criticamente e sintetizar a literatura sobre o ensino da língua inglesa no Brasil. Para obtenção das informações foram utilizadas bases de dados, sites e reportagens sobre o tema.

## REVISÃO DA LITERATURA

### Uma breve análise do Brasil no cenário internacional

No Brasil o ensino da língua inglesa e a sua obrigatoriedade aconteceram de forma difusa desde o início, com diferentes configurações da Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), que nortearam a questão, ora em 1961 apenas recomendando, ora em 1971, como parte

diversificada no 6º ano, e em 1996 tornou-se obrigatória para o ensino médio. Entretanto, nenhuma obrigatoriedade foi exigida no ensino superior. Considerando que a língua inglesa é um fator determinante para a inclusão social, do ponto de vista internacional, de modo que o indivíduo tenha sua representatividade no mundo, participando ativamente da construção do conhecimento e não somente de sua reprodução, é importante que ações de transformação desse cenário sejam discutidas (ANDRADE; PAIXÃO, 2011).

A competitividade global e a crescente transformação dinâmica da economia, ciência e educação, levaram o Brasil à necessidade de se adequar e rever as suas práticas organizacionais, de modo a não ficar “marginalizado” internacionalmente. Todavia, há um paradoxo nessas adequações, pois uma das áreas que menos recebe apoio e incentivo é a da educação da Língua Inglesa, que nos pilares da educação fundamental e do ensino médio é “vulgarizada”, mas que no ensino superior é ainda pior: não é ao menos lembrada.

No Brasil, há muito tempo pratica-se o aprendizado imediatista da língua inglesa para atender ambições pessoais ou profissionais do momento, ou seja, “quase ler”, “quase falar”, “quase entender”, sem que haja o interesse e o investimento adequado para aprender o domínio da língua, de modo a tornar-se independente e com visibilidade internacional para ampliar o horizonte profissional e pessoal, já que o inglês é a língua dominante no mundo. Tal fato deixa a população aquém da qualificação desejável profissionalmente, e no ambiente científico atorna mediana em relação ao acesso de novas tecnologias, compreensão e domínio das ciências (FERRETTI, 1997; ALMEIDA FILHO, 2001).

Considerando que a educação de nível universitário é fundamental na formação pessoal e profissional de um cidadão e que essa formação tem grande impacto na economia nacional, estratégias de inclusão da língua inglesa no ensino superior deveriam ser elaboradas, além de planos de ação e de políticas públicas para a institucionalização da língua inglesa como segundo idioma no país, uma vez que a qualidade do inglês ensinado no Brasil é considerada muito baixa no contexto internacional (PINTO, 2012).

## Ensino superior nas grandes potências mundiais

Países desenvolvidos valorizam o aprendizado e o conhecimento como forma de alavancar e manter a economia, gerando inovações tecnológicas e científicas que são diretamente dependentes desse processo de valorização e investimento educacional, o que os mantém como lideranças internacionais, decidindo os rumos da economia mundial. Não é coincidência que os Estados Unidos da América e a China sejam os maiores produtores de ciência e as maiores economias mundiais (SCIMAGO, 2007; WORLD BANK, 2011). Apesar da China não ter fluência na língua inglesa, grandes esforços têm sido dispensados à elaboração de políticas públicas para o ensino do idioma no país.

Países que lideram o ranking de proficiência no idioma o inglês (*EF English Proficiency Index*), como a Suécia, Dinamarca, Holanda, Finlândia, Noruega, Bélgica, Áustria, Hungria, Alemanha, Polônia e República Checa, entre outros, (PINTO, 2012) enfatizam o aprendizado profundo e completo, o que beneficia a população de maneira geral, com o aumento da qualidade e expectativa de vida, o desenvolvimento de tecnologias, aperfeiçoamento dos meios de comunicação, erradicação de doenças e pragas. De acordo com o *Michael Lu*, vice-presidente da *Education First*, empresa que realizou o teste de proficiência em 54 países em 2012, a falta de intimidade com a língua inglesa significa para um país, menor inovação, prejuízo no comércio e redução da receita. Portanto, o aumento do nível educacional que valoriza, além de seus aspectos gerais, a língua inglesa, proporciona aberturas de parcerias e intercâmbios educacionais, para cada vez mais desenvolver a capacidade tecnológica e econômica (PINTO, 2012).

Analisando o cenário do grupo de países emergente em que o Brasil se encontra, composto pela Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS), é claramente notório a falta de investimentos na educação em geral e, principalmente na popularização da língua inglesa. O contraste pode ser percebido especialmente observando o ranqueamento das melhores universidades do BRICS e de outros países emergentes. No caso das universidades brasileiras, nenhuma delas está entre as dez primeiras colocadas. Segundo o coordenador da pesquisa, o editor da consultoria de educação superior britânica *Times Higher Education* (THE), Phil

Baty, o desempenho ruim das universidades ocorre provavelmente ao fato da falta do conhecimento e entendimento da língua inglesa, já que a maioria das pesquisas e publicações são em inglês. Além disso, a publicação das pesquisas na língua inglesa é um fator determinante para a pontuação do país no ranking. As publicações em inglês fornecem ao país visibilidade mundial, resultando no aumento das citações de um determinado estudo, o que é fundamental para o reconhecimento das universidades (VIEIRA, 2013). Em outra pesquisa realizada pela mesma instituição, porém considerando as universidades de todo o mundo, o desempenho do Brasil ficou muito aquém do esperado, não pontuando nem mesmo entre as 200 melhores universidades do mundo (VANINI; VIEIRA, 2013).

### Uma breve proposta para a inclusão da língua inglesa no Brasil

Uma possível estratégia para mudar o cenário educacional, seria adotar o aprendizado da língua inglesa de forma eficaz desde o ensino básico, com aulas regulares e que somente se falasse o inglês nesse período, com o auxílio de um falante nativo. No ensino básico a criança tem maior capacidade de aprender e captar o aprendizado, especialmente no início da alfabetização, e essa prática se estenderia ao longo da sua vida acadêmica, até a sua chegada ao ensino superior na fase adulta.

Um exemplo disso pode ser visto na China, que atualmente prioriza a educação para o crescimento do país, investindo em todos os níveis educacionais, priorizando uma atenção ainda maior para o aprendizado da língua inglesa na base educacional, que possibilitou a entrada de milhares de chineses nas universidades americanas (RAMÓN, 2012; MORENO, 2013). Além disso, dentro do próprio país, a maioria das universidades adota a língua inglesa em sala de aula, o que facilita a familiarização com o idioma (MORENO, 2013).

Portanto, talvez no Brasil devêssemos adotar uma política diferente na educação, acrescentando fatores motivacionais para atrair especialistas estrangeiros, além de capacitar os professores brasileiros, de modo a aumentar a qualidade do ensino em todos os níveis, o que melhoraria não somente a formação no ensino superior, mas possibilitaria um amplo desenvolvimento técnico, científico e, consequente-

mente econômico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Países que dominam a língua inglesa e os que estão investindo no aprendizado do idioma têm melhorado o crescimento e o desenvolvimento da educação superior, fazendo movimentar a economia, aumentando os seus índices de desempenho e alcançando competitividade mundial. Não seguir essa linha de desenvolvimento pode significar para o país um atraso social e econômico, tornando-o totalmente dependente das decisões das grandes potências, quando poderia participar de tais decisões. Portanto, mediante o exposto concluímos que a inserção da língua inglesa no ensino brasileiro é insuficiente e que novas políticas deveriam ser elaboradas para sua inclusão como segundo idioma no país.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. O Ensino de Línguas no Brasil de 1978. E Agora? *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 15-29, 2001.
- ANDRADE, S. O.; PAIXÃO, R. C. B. *Reflexões acerca do ensino de língua inglesa e a formação docente em Sergipe: das origens à atualidade*. Encontro de formação de professores de Sergipe 2011. Universidade Tiradentes, Sergipe, Brasil.
- DA SILVA, E. L.; DA CUNHA, M. V. *A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas* Ciência da informação, v. 31, n. 3, p. 77-82, 2002.
- FERRETTI, C. J. *Formação profissional e reforma do ensino técnico no Brasil: Anos 90* Educação & Sociedade, n. 59, p. 225-269, 1997.
- G1.COM. *Brasil cai 18 posições em ranking de países mais desenvolvidos*. Disponível em : <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/09/brasil-cai-18-posicoes-em-ranking-de-paises-mais-competitivos.html>. Acesso em: 02 jul. 2016.
- GEARY, J. *Telecommunications, tourism and trade make the world a smaller place, languages are dying at an alarming rate*. Time, 1997. Disponível em : <http://www.jamesgeary.com/>

journalism.php. Acesso em: 02 jun. 2016.

MORENO, A. C. **Ranking de universidades de países emergentes só tem quatro brasileiras.** Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/12/ranking-de-universidades-de-paises-emergentes-so-tem-quatro-brasileiras.html>. Acesso em: 02 jul. 2016.

PINTO, R. **Brasileiros falam inglês de qualidade muito baixa, diz pesquisa.** 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com>. Acesso em: 02 jul. 2016.

RAMÓN, P. **Famílias chinesas investem no inglês para aprimorar a educação dos filhos.** Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/11/chineses-investe-no-ensino-de-ingles-para-aprimorar-educacao-dos-filhos.html>. Acesso em 02 jul. 2016.

VANINI, E; VIEIRA, L. **Brasil fica fora do ranking das 200 melhores universidades do mundo.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-fica-fora-de-ranking-das-200-melhores-universidades-do-mundo-10228973>. Acesso em: 02 jul. 2016.

VIEIRA, L. **Brasil não tem universidades entre 10 melhores dos países emergentes.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-nao-tem-universidades-entre-10-melhores-dos-paises-emergentes-10967823>. Acesso em 02 jul. 2016.

WORLD BANK. **Global Development Finance.** Washington DC: WORLD BANK, 2011.